

**APONTAMENTOS SOBRE A
LINGUAGEM METAFÓRICA EM AMÉRICA LATINA:
MALES DE ORIGEM DE MANOEL BOMFIM**

Marcela Cockell (UERJ)
marcelacockell@hotmail.com

1. Considerações preliminares

Na obra *A América Latina: males de origem* de 1905, Manoel Bomfim procura delinear os seus preceitos e concepções concernentes à formação do povo brasileiro, tendo como referência um modelo progressista cuja educação eliminaria o atraso e garantiria a soberania nacional. O seu principal questionamento era desvendar as raízes dos problemas do Brasil e da América Latina, que se tornavam empecilhos ao progresso e a democracia destas nações. Ao defender suas ideias Bomfim se contrapôs às teorias explicativas vigentes e a todos os seus contemporâneos intelectuais como Nina Rodrigues e Sílvio Romero. Sua obra rompeu com a neutralidade, convidando o campo intelectual ao debate. Este movimento legitimou o seu engajamento intelectual e a importância de sua obra no pensamento social e político brasileiro. Para adentrarmos as reflexões de *A América Latina: males de origem* é necessário explicitar, sinteticamente, qual seria este paradigma científico.

De acordo com Costa (2003, p. 58) o discurso científico na passagem do século XVIII para o XIX, tinha como premissa o povo de uma nação sendo estudado na perspectiva de determinantes biológicos e climáticos. Havia uma necessidade de classificar, ordenar e hierarquizar a ciência submetendo o homem aos mecanismos da natureza, às leis da hereditariedade e do determinismo do meio geográfico. No Brasil no movimento romântico que tinha o “bom selvagem” como uma forma de negar a realidade escravocrata entrava em crise, especialmente após a Abolição da escravidão e a Proclamação da República. Naquele momento definir a nação era um impulsionador ao mundo civilizado.

Em *A América Latina: males de origem*, Bomfim não objetiva enfatizar a constituição da singularidade do povo, mas explicar historicamente a formação nacional brasileira buscando compreender os motivos pelos quais estes povos se mostram atrasados socialmente e economicamente. Para Manoel Bomfim, essa relação entre países civilizados e atrasados (desenvolvidos e subdesenvolvidos), tanto do Brasil quanto dos

outros países da América Latina é estabelecida pelas questões econômicas e políticas, e não étnicas ou climáticas. Em suma, para Bomfim, o atraso não pode ser justificado apenas pela teoria das raças e sim pela ausência da educação, isto é, a ignorância, enfatizando através da teoria do parasitismo social, definida pela lógica da dominação externa imposta pelo colonialismo somada à dominação interna das elites. Bomfim diagnosticou os “males” e também o “remédio” para cura: a educação, ideia reforçada em outros escritos:

Sofremos, neste momento, uma inferioridade, é verdade, relativamente aos outros povos cultos. É a ignorância, é a falta de preparo e de educação para o progresso – eis a inferioridade efetiva; mas ela é curável, facilmente curável. O remédio está indicado: a necessidade imprescindível de atender-se à instrução popular (BOMFIM, 1932, p. 59).

É com este discurso algoz, ausente de neutralidade e por isso mesmo, incômodo que *A América Latina: males de origem* se tornou uma obra tão significativa na biografia do autor, que deu continuidade a este pensamento em três obras posteriores: *O Brasil na América* de 1929, *O Brasil na História* de 1930, e *O Brasil Nação* de 1931.

2. *Investigações acerca da linguagem interpretativa no texto*

Durante a leitura do texto *A América Latina: males de origem* notamos o uso de uma linguagem interpretativa. Diante da intelectualidade brasileira do início do século XX não é difícil imaginar o desconforto em relação à obra. Bomfim não optou pela neutralidade, desenvolveu uma interpretação da sociedade brasileira, e latino-americanas procurando compreender os “males de origem” ou fatores determinantes na evolução destas sociedades em comparação com as nações europeias tomando de empréstimo expressões do campo da medicina e botânica e usando os recursos da metonímia e da metáfora para tornar seu texto subversivo e o menos neutro possível. Segundo Sussekind e Ventura (1984, p. 15), é com base no uso explícito destes recursos que se constrói o discurso crítico de Manoel Bomfim, partindo do pressuposto da sua intencionalidade em se opor à linguagem da ciência “neutra” que oculta a metáfora por critério do conhecimento científico.

Além das metáforas, podemos destacar os aspectos metonímicos do texto que nos permitem associar algumas ideias apresentadas intencionalmente pelo autor. Conforme Panther e Radden (1999) a metonímia não é apenas um processo de substituição, mas um processo cognitivo

em que funciona um esquema conceitual. Dentro desta perspectiva, Panther e Thornburg (2002, p. 281) restringem a metonímia a contiguidade entre conceitos e acrescentam a contingência, logo a associação entre os conceitos envolvidos deve ser contingente e não necessária. A visão conceitual da metonímia do estudo de Radden e Kovecses (1999, p. 21) afirma que o processo metonímico provê o acesso mental a uma entidade conceitual (o alvo) por meio de outra entidade (o veículo). Como exemplo desta relação, temos aqueles mais tradicionais: causa pelo efeito, lugar por instituição, lugar por evento, produtor pelo produto, etc. Desse modo, podemos dizer que metonímia atua como um processo associativo, em que os itens lexicais se associam em significados próximos, e segundo Langacker (2000, p. 199), atua como um ponto de referência na língua e ocorre de forma tão generalizada que muitas vezes não notamos o seu caráter regular.

Na obra de Bomfim podemos dizer que a proposta do autor em abordar a América Latina é metonímica em relação à própria situação brasileira, ou seja, o autor associa as problemáticas brasileiras a todas às nações latino-americanas. O recurso metonímico também é utilizado ao associar os termos “ibéricas” às nações europeias colonizadoras e “não ibéricas” às colonizadas. Vale ressaltar, a utilização do “parasitismo”, se estendendo a “parasita” e “parasitado” também são metonímicos e fazem referência ao *Manifesto Comunista* de Marx e Engels (1848), que também apresenta estes termos, se aplicando à relação de causa/efeito.

Quanto à metáfora, partiremos pressuposto de que certos nomes pertencem às coisas, e somente quando falta esse nome, por ausência ou recurso de estilo, recorre-se a um termo impróprio, ou seja, figurado para preencher a lacuna lexical, isto é, na criação de uma metáfora. Logo, a metáfora cria significados, diferente da metonímia que estabelece rotas de associação aos significados lexicais já existentes.

Em sua investigação sobre a metáfora no discurso filosófico, Ricoeur (2005) aponta seu uso hermenêutico por interpretação, deslocando pressupostos da retórica para a semântica, desviando os problemas de sentido para os de referência. Desse modo, procurou analisar até que ponto a metáfora pode ser entendida no nível da palavra, como unidade ou tropo, e neste caso a unidade seria a frase. No primeiro caso, temos a aproximação com a teoria aristotélica. Foi definida em sua *Poética* como “a transposição do nome de uma coisa para outra, transposição do gênero para a espécie, ou da espécie para o gênero, ou de uma espécie para outra, por via de analogia” (ARISTÓTELES, 1987, p. 312).

Na *Retórica*, Aristóteles retoma a noção de transposição e afirma que “as metáforas são enigmas velados e nisso se reconhece que a transposição de sentido foi bem sucedida” (ARISTÓTELES, 1987, p. 195). No caso ao considerar a frase como a unidade de significação, segundo a teoria da significação, considerando um sentido próprio das palavras em um contexto na frase em que está inserida. O linguista I. A. Richards questiona sobre o sentido próprio de uma palavra tornando-a dependente de um contexto: “Nós somos coisas que respondem as outras coisas” (*apud* RICOEUR, 2005, p. 196). Contudo, se entendermos que o contexto do discurso é um terreno vasto, e dentro de um enunciado metafórico as palavras atuam uma sobre as outras para produzir um sentido, logo “uma determinada ação que as palavras exercem umas sobre as outras na frase” (RICOEUR, 2005, p. 195). Em suma, para o autor o papel da metáfora e suas diferentes interpretações pode estar ligado às intenções e às convenções do contexto. Desse modo, é possível pensarmos no texto de Bomfim se diferenciando da produção intelectual de seu tempo, não no sentido da construção de um novo paradigma científico, mas de ir contra ele através de um discurso crítico que transparece ao discurso científico vigente. Enfim, eram metáforas intencionais: palavras e contexto usados na linguagem figurada para o autor não dizer explicitamente e ainda sim ser entendido. Enfim, dentro desta proposta de Ricoeur (2005) a metáfora poderia ser usada a rigor da ciência e controlada pelo autor.

Em oposição a esta posição, Derrida (1993) na *Mitologia branca*, desconstrói o discurso filosófico quando levanta uma suspeita universal afirmando que a metáfora é definida em seu fundamento como um recurso metafórico, ou seja, de cunho interpretativo e não literal. O autor utiliza conceito de “usura” como um desgaste responsável pelo apagamento dos significados iniciais:

O sentido primitivo, a figura original, sempre sensível e material (“todas as palavras da linguagem humana foram originalmente impressas com uma figura material e... todas representavam na sua novidade alguma imagem sensível..., materialismo fatal do vocabulário...”) não é exatamente uma metáfora. É uma espécie de figura transparente, equivalente a um sentido próprio. Tor-na-se metáfora quando o discurso filosófico pó-e-na em circulação. Esquece-se, então, simultaneamente, o primeiro sentido e o primeiro deslocamento. Não notamos já a metáfora e tomamo-la pelo sentido próprio (DERRIDA, 1993, p. 251).

Tal posição converge com Locke ao refletir quanto ao abuso do uso da metáfora optando pela monossímia. Para o filósofo, o uso exagerado do sentido figurado causa desvios interpretativos, confusões de ideias e ilusões de significados. As palavras ficariam viciadas e vazias em re-

lação ao significado. Em seu *Ensaio sobre o entendimento humano* (1690) indica remédios para evitar abusos propositais das metáforas. Segundo Sussekind e Ventura (1984, p. 16), Manoel Bomfim desloca o sentido homológico de “parasitismo” para uma utilização que muitas vezes devido à falta de objetividade, não consegue estabelecer uma relação crítica entre o que pertence às cadeias biológicas e ao domínio histórico.

Bomfim atribui aos termos “parasita” e “parasitário” diferentes significações que se adaptam ao período histórico e relação social abordadas, e dialogam com o seu conceito de parasitismo:: metrópole/ colônia; estado/ povo; capital estrangeiro/ nação, explorador/ explorado.

A cadeia base de metáforas relacionada ao parasitismo é apresentada também em expressões zoológicas como “sanguessuga” e “varejeira”. A referência ao “sugar” ou “apropriar” também é notado na escolha de metáforas como: “ventosas”, “tentáculo” ou ainda “ferrão”. As expressões médicas e metáforas de doença são evidenciadas pelo tom quase profilático do texto, como se fosse traçado um diagnóstico da nação à espera de uma “cura” para todos os “males”, de um “remédio” entendido com a educação

Sofremos, neste momento, uma inferioridade, é verdade, relativamente aos outros povos cultos. É a IGNORÂNCIA, é a falta de preparo e de educação para o progresso – eis a inferioridade efetiva; mas ela é curável, facilmente curável. O remédio está indicado. Eis a conclusão última desta longa demonstração: a necessidade imprescritível de atender-se à instrução popular, se a América Latina se quer salvar (BOMFIM, 1993, p. 270).

3. *Considerações finais*

Para Sussekind e Ventura (1984, p. 56) e Candido (2006, p. 177) o uso do texto interpretativo pode ter dificultado a sua recepção e até mesmo o seu entendimento no campo intelectual e literário. A falta de objetividade, como mencionamos, somada ao discurso crítico em relação ao discurso científico vigente nos faz refletir em relação ao silêncio de Manoel Bomfim e de sua obra. Tal fato não se limita apenas à linguagem de sua obra. Certamente, o nebuloso texto de *A América Latina: males de origem* ofereceu aos leitores e críticos contemporâneos de Bomfim um estranhamento, e não deixava de ser um incômodo (CANDIDO, 2006, p. 178) uma vez que questionava, denunciava e levantava questões políticas que iam de encontro ao discurso científico, e também de interesses políticos. Neste trabalho não adentramos profundamente a estas questões nos limitando ao estudo interpretativo do texto de Bomfim. Procuramos in-

vestigar, brevemente, algumas questões relacionadas à linguagem que colaboraram para que esta obra fosse colocada à margem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARISTÓTELES. *Poética*. São Paulo: Nova Cultural, 1987.
- BOMFIM, M. *A América Latina: males de origem. Parasitismo social e evolução*. Rio de Janeiro: 1905.
- _____. Rio de Janeiro: Topbooks, 1993.
- BOSI, A. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1974.
- BRANDAO, H. *Subjetividade, argumentação e polifonia: a propaganda da Petrobrás*. 2. ed. São Paulo: Edunesp, 1998.
- CANDIDO, A. *Educação pela noite*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.
- COSTA, W. P. Viagens e peregrinação: a trajetória de intelectuais de dois mundos. In: BASTOS, E. R; RIDENTI, M.; ROLLAND, D. (Org.). *Intelectuais: sociedade e política*. São Paulo: Cortez, 2003.
- DERRIDA, J. A mitologia branca. In: _____. *Margens da filosofia*. Campinas: Papirus, 1991.
- LANGACKER, R. *Grammar and conceptualization*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2000.
- PANTHER, K. U.; THORNBURG, L. The roles of metaphor and metonymy in English -er nominals. In: DIRVEN, R.; PÖRINGS, R. (Ed.), *Metaphor and metonymy in comparison and contrast*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2002.
- _____. RADDEN, G. Introduction. In: PANTHER, K. U.; RADDEN, G. (Ed.) *Metonymy in language and thought*. Amsterdam: John Benjamins, 1999.
- RADDEN, G.; KOVECSES, Z. Towards a theory of metonymy. In: PANTHER, K. U.; RADDEN, G. (Eds.) *Metonymy in language and thought*. Amsterdam: John Benjamins, 1999.
- RICOEUR, Paul. *A metáfora viva*. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005.
- SUSSEKIND, F.; VENTURA, R. *História e dependência: cultura e sociedade em Manoel Bomfim*. São Paulo: Moderna, 1984.